

# Boas-vindas a Augusto de Campos

Por ocasião da outorga do título  
de *Doutor Honoris Causa* pela  
Universidade Federal Fluminense,  
em 25 de janeiro de 2022.

Welcoming the poet Augusto de Campos, when  
he is granted the title of *Doctor Honoris Causa*  
at the Universidade Federal Fluminense, on  
January 25, 2022.

Claudia Neiva de Matos  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e94089>

Tenho mínimos minutos para falar de algo da máxima importância, que é Augusto de Campos e sua obra. Começo então pelo mais óbvio, o que todos enunciam, mas eu quero repetir: que alegria e que honra para a UFF, recebê-lo em sua comunidade acadêmica! E que alegria e honra para mim, participar desta cerimônia de boas-vindas, pelo que agradeço muito aos organizadores!

Mas como falar, em tempo breve, da obra de Augusto, tão ampla, tão multifacetada e ao mesmo tempo tão dotada de coerência, toda ela construída sob o signo de um extremo apuro estético e ético? Diante dessa paisagem em vasto movimento e interação, vou-me contentar em apontar um par de traços, os que pessoalmente mais me impressionam e encantam.

O eixo dessa obra é sem dúvida a poesia, a palavra poética. Mas essa palavra se desdobra e floresce em muitas maneiras de praticar, experimentar, cultivar, traduzir, conectar, inquirir, fabricar os sentidos e as formas do poético em diversas dimensões, canais, artefatos. A palavra poética, mas também o ouvido, o olho e o pensamento poéticos. A vocação da poesia em Augusto é ocupar espaços insuspeitados da página e ultrapassá-la. Ir além. Invenção, vanguarda. Paideuma e após. Pós-tudo e algo mais. Recusando o cansaço e a facilidade, vamos adiante. Porque Poesia é Risco.

Ao longo desse percurso, reafirma-se a consistência sincera de seu projeto artístico, fundado sobre conhecimento solidamente estabelecido, mas ativado pelo sopro constante do que ele próprio definiu como “experimentação e aventura”. Com desprendimento, tenacidade e empenho afetivo, Augusto manteve-se em toda a sua longa vida em atitude aventureira e experimental diante da poesia. Levou adiante essa bandeira – ou melhor, essa chama! -- através das décadas, atravessando com galhardia os refluxos do conservadorismo poético e articulando, em parcerias com artistas da sua

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

própria e das seguintes gerações, uma vigorosa e permanente atualidade.

Adentrando desde cedo o universo tecnocomunicacional das mídias digitais, Augusto soube escapar às redes de modas e memes e mesmices para navegar, como disse, numa “anti-rede contracultural que se vai formando nas sub-artérias do sistema”. Moveu-o também uma saudável desconfiança em relação ao sucesso mercadológico fácil: “Felizmente, a poesia, pela sua inviabilidade e pelo seu desvalor econômico, contém sempre uma alta porcentagem de fracasso. A pressão da indústria cultural e o deslumbramento do público tendem a amortecer o ímpeto de renovação e a induzir à redundância bem sucedida”.

O que dizer, então?

Viva a vaia! Vivam a vitalidade e a diversidade da poesia!

E quanto à cultura institucional, à crítica estabelecida, ao mundo acadêmico? Augusto desconfia também... Via de regra, declina de cátedras e magistralidades. Já afirmou que nunca se sentiu vocacionado para ser professor: “Sempre gostei mais de aprender do que de ensinar. Faltam-me teatralidade, retórica. Sou muito introspectivo”.

No entanto, sua produção mostrou-se frequentemente comprometida com a difusão de saberes, ideias, estímulos intelectuais e artísticos. Com seus artigos, ensaios e traduções, contribuiu muitíssimo para divulgar experiências artísticas novas ou ainda mal conhecidas entre nós. Na divulgação de poesia e música de invenção, na análise e difusão de novas práticas estéticas, na exposição de suas próprias premissas e perspectivas de criação, Augusto sempre desenvolveu uma atividade que não deixava de ser pedagógica. Enfim, sempre nos ensinou muita coisa.

E não ficamos só no campo das Letras. Com desenvoltura, sensibilidade e erudição, Augusto atuou em outros domínios do poético, como a crítica de música erudita e popular, as incursões pelas artes visuais nos desdobramentos do concretismo, a tradução criativa, a exploração de

outros suportes e dimensões para a fatura e comunicação poéticas.

Artes parceiras, parcerias artísticas, com outros artistas e outras linguagens: Haroldo de Campos, Décio Pignatari e outros, no movimento concretista; Julio Plaza, Moyses Baumstein, Caetano Veloso. Cid Campos. E também, a rigor, todos os autores que leu, comentou e traduziu.

E nós, que há tantos anos lemos, escutamos e contemplamos a obra de Augusto, que amamos essa obra pela sua capacidade de ativar nosso prazer e nosso pensamento, amamos também a pessoa de Augusto: essa pessoa discreta, séria, sóbria, e até, para mim, meio misteriosa, que nos provoca respeito... E mais que respeito, nos provoca a felicidade de reconhecer nele um poeta maior, um poeta nosso!

Sabemos que Augusto nunca foi chegado a pensar as dimensões do poético pelas balizas da nacionalidade. Sabemos também, conforme mencionei acima, que ele evita as armadilhas do deslumbramento. Então, tenho que pedir a você, Augusto, que me perdoe se tomo a liberdade de declarar-me aqui bastante deslumbrada, quando vejo, quando vemos em você, para nosso júbilo e alívio, nesses tempos tão sombrios que atravessamos, um luminoso, precioso e querido poeta do Brasil, um poeta que alimenta e ilumina a cultura brasileira.

Obrigada, Augusto de Campos!

### **Referência:**

CAMPOS, Augusto de; MATOS, Cláudia Neiva de. “Augusto de Campos”. Entrevista e apresentação crítica. In: *Revista Gragoatá (Sobre poesia)*, n.º12. Niterói: PPPG em Letras da Universidade Federal Fluminense/Eduff, 2002, p.9-22.

v i s  
d e l  
e r  
u r a  
t r a  
v e  
i a

Submissão: 25/04/2022  
Aceite: 25/04/2022

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2022.e94089>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*